

O tonto pragmático e o idealismo dos canalhas

O instrumento retórico mais antigo e mais utilizado na política brasileira é sujeitar as ações do seu opositor a um idealismo inalcançável para, logo em seguida, depois de desgastá-lo pela crítica e chegar ao poder, despojar-se de todo idealismo e exigir ser avaliado pelas lentes realistas do pragmatismo.

Essa técnica – comum aos partidos socialistas e fabianos, que só conseguem fazer política com base no ressentimento e na agitação – foi amplamente utilizada por partidos como o PT.

Aliás, o próprio Guilherme Boulos utilizou essa tática na última eleição municipal, cobrando de Ricardo Nunes ações impossíveis, criticando-o como criminoso e omissor, dando a entender ser possível manter postos de saúde abertos 24h, impedir enchentes com dança da chuva ao contrário e tutti quanti.

Independentemente da sua opinião sobre Ricardo Nunes, Boulos realmente usou essa tática: cobrou da máquina pública municipal ações impossíveis e, provavelmente, não aceitaria estar sob as mesmas críticas caso fosse eleito.

Esse mesmo artifício retórico foi amplamente utilizado pela patotinha laranja - cor do Itaú -, que lançou candidaturas natimortas para as duas casas legislativas federais com a alegação de que Jair Bolsonaro, ao compor com o bloco vencedor nas eleições para a presidência das casas legislativas, estava se vendendo ao sistema.

Bem, esse idealismo canalha só faz sentido na dimensão emotiva; qualquer referência direta ao fato ou ao objeto referente no discurso já pode desmontar essa narrativa.

O que Bolsonaro e o PL ganhariam votando nas candidaturas natimortas dos laranjinhos? Ficar de fora das comissões por mais um biênio no Senado? Não dar continuidade ao trabalho desenvolvido na Câmara Federal? O mínimo de objetividade e atenção já faz o discurso das paquitas do Itaú parecer bobo, infantil e canalha.

Note: se nossa indignação for bem dosada e direcionada aos verdadeiros agentes dos problemas que realmente prejudicam o Brasil, o moralismo idealista dessa patota parecerá indigesto e cínico.

A tentativa de organizações estrangeiras de se apossarem do Brasil como parte de uma agenda de domínio global dos meios energéticos é o grande problema a ser resolvido na esfera política.

A prioridade número um, o início de toda e qualquer reação, é garantir que todos os altos postos de instituições públicas nacionais estejam ocupados por pessoas que não têm compromissos com agentes globalistas, comunistas ou do grande califado.

- O discurso político frequentemente sujeita os adversários a cobranças idealistas inalcançáveis para, após alcançar o poder, exigir avaliação sob critérios pragmáticos.
- Partidos como o PT e figuras como Guilherme Boulos exploram essa estratégia para desgastar opositores, enquanto grupos liberais utilizam narrativas emotivas para deslegitimar alianças necessárias.
- Mais do que disputas internas, o Brasil enfrenta a ameaça de agentes globalistas que impõem legislações transnacionais e buscam subordinar a soberania nacional a uma governança mundial.



Em 1994, no "Relatório sobre o Desenvolvimento Humano", a ONU já declarava abertamente: "Os problemas da humanidade já não podem ser resolvidos pelos governos nacionais. O que é preciso é um Governo Mundial. A melhor maneira de realizá-lo é fortalecendo as Nações Unidas."

No ano seguinte, a resolução aparecia sob a forma de um plano detalhado, "Our Global Neighbourhood", publicado pela Comissão de Governança Global, que pregava "a subordinação da soberania nacional ao transnacionalismo democrático". As etapas necessárias para a consecução desse objetivo incluíam:

- Imposto mundial.
- Exército mundial sob o comando do secretário-geral da ONU.
- Legislações uniformes sobre direitos humanos, imigração, armas, drogas etc.
- Tribunal Penal Internacional, com jurisdição sobre os governos de todos os países.
- Assembleia mundial, eleita por voto direto, passando por cima de todos os Estados nacionais.
- Código penal cultural, punindo as culturas nacionais que se mostrem indomáveis diante da administração burocrática mundial.

Nos últimos 50 anos, qualquer projeto político – seja ele nacionalista, municipalista, ou simplesmente cristão – que quisesse sobreviver diante da implantação do projeto de sociedades abertas, precisaria levar em consideração o imenso poder acumulado por esses agentes e sua disposição em eliminar, tanto política como fisicamente, qualquer concorrência.

Formar alianças com agentes nacionais – obviamente dependendo do seu compromisso com as agendas internacionalistas – é o menor dos problemas de qualquer movimento político.

Será que o "centrão" é realmente o que está destruindo o Brasil, ou são as legislações que vêm prontas de órgãos multilaterais? Será que Alcolumbre é mais perigoso que Soros, Schwab e Kerry?

Também é preciso levar em consideração que o centrão pode parecer perigoso para quem é aliado desses agentes e está tentando tomar o poder com um novo grupo.

É claro que também existem os tontos pragmáticos, que acham possível compor com canalhas desse tipo, que prezam pela "união da direita".

Para poupar indisposição, segregação e conflitos, há aqueles que acham possível sobreviver sendo sabotados.

Essa é nossa realidade, caro leitor. Temos que sobreviver. E sobreviver em meio a canalhas e bocós.

